



**A EPISTEMOLOGIA HÍBRIDA NA RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA A  
PARTIR DOS ESTUDOS DE MIKHAIL BAKHTIN**

Maria Geísa Morais Lins<sup>1</sup>

**INTRODUÇÃO**

A hibridização do conhecimento é uma temática que vem ganhando a atenção de pesquisadores no que se refere à relação entre teoria e prática, no âmbito dos estudos do currículo. Com esse interesse, o presente resumo visa apresentar resultados da pesquisa desenvolvida no curso de Mestrado em Educação, PPGEd/UESB, que buscou investigar como acontece este processo de hibridização e de articulação da relação entre teoria e prática no campo do currículo.

O objetivo geral desta discussão buscou compreender o entrelaçamento dos discursos da relação entre teoria e prática, por meio da hibridização no currículo dos professores/cursistas no Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, Curso de Pedagogia, turma ingressante no ano de 2014, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Sob esse elemento norteador os objetivos específicos fizeram análise deste processo visando à identificação de como a hibridização emerge no discurso dos professores/cursistas do PARFOR, assim como distinguir os discursos que se entrecruzam no âmbito da teoria e da prática e sua possível hibridização ou articulação.

Neste contexto, procurou-se problematizar as práticas discursivas produzidas pelos sujeitos do PARFOR, que se revelam por meio da hibridização do conhecimento escolar e do currículo.

Diante de diversas tendências e possibilidades de estudo sobre a questão da hibridização na teoria curricular, queremos afirmar que nossa discussão está assentada nos diálogos estabelecidos com Bhabha (2003) e Bakhtin (2014) e as incursões sobre currículo foram respaldadas nos princípios da teoria crítica da formação humana tendo como suporte os estudos de Arroyo (2000), Bakhtin (2011; 2014; 2013;) e Freire (1999; 2003), estabelecendo, assim, uma tríade entre estes autores que nos convidam compreender o

<sup>1</sup> Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEd) – UESB. Grupo de Pesquisa em Linguagem e Educação (GPLED/CNPq). Vitória da Conquista/BA, Brasil. Endereço eletrônico: mgmlsj@hotmail.com



processo de formação humana como um projeto (in)acabado e transgressor, pois para Freire, “Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento” (FREIRE, 1999, p.55).

## METODOLOGIA

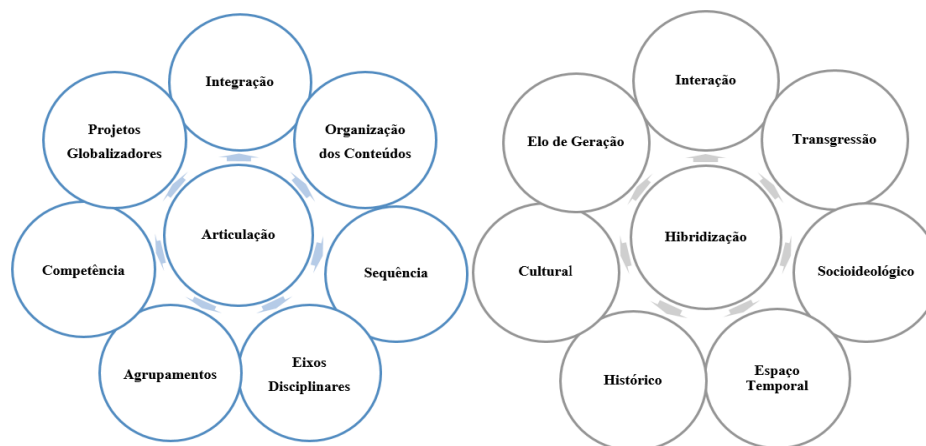
A pesquisa desenvolvida foibaseada nos pressupostos da filosofia da linguagem que se constitui por signos e, enquanto tal, não há ruptura de uma esfera a outra da realidade externa com a realidade interna. A construção da metodologia tomou como referência o Círculo de Bakhtin, no qual a base dos procedimentos metodológicos consiste nas regras metodológicas e na ordem metodológica para o estudo da língua.

O Círculo de Bakhtin parte do método sociológico marxista que consiste no estudo da filosofia da linguagem enquanto filosofia do signo ideológico. Compreende a estrutura da enunciação e da atividade mental como de natureza socioideológica. Situa a palavra no campo da ideologia e sua utilização mediada pela língua está ligada à evolução ideológica. Por isso, paraele, “A língua vive e evolui historicamente na *comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes*” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2014, p.128, grifo dos autores).

Os caminhos trilhados para a compreensão da articulação e da hibridização partem dos estudos sobre a teoria do romance, pelo viés das *questões de literatura e de estética*. Utilizamos como técnica da pesquisa o grupo focal. A escolha do grupo focal deveu-se ao fato de atender mais especificamente aos estudos bakhtinianos sobre a linguagem fundamentada em pressupostos filosóficos. Outro fator considerado residiu na ambivalência de enunciados e suas expressões semióticas exterior e interior.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Verificamos que a articulação curricular difere da hibridização curricular, pois hibridizar não é articular, mas cruzar, transgredir as fronteiras espaço temporal em um processo constante de renovação e transformação cultural. Essa distinção entre articulação e hibridização curricular pode ser expressa de acordo com a figura abaixo:



**Figura 1** - Distinção entre articulação e hibridização

**Fonte:** A própria autora

Na concepção da articulação curricular, a relação entre teoria e prática acontece por meio da integração entre as disciplinas tendo como eixos articuladores à transversalidade, a interdisciplinaridade, a pluridisciplinaridade, a multidisciplinaridade e, por último, a transdisciplinaridade. Elegem como organização do conteúdo a pedagogia de projeto em um enfoque globalizador; o tempo e espaço permanecem como sendo o da sala de aula com seus agrupamentos e sequencialidade dos conteúdos, pois acreditam que, assim, equilibram a homogeneidade e a heterogeneidade existentes no contexto. A progressão das unidades é continuada e a avaliação é o processo através do qual se realiza o acompanhamento sistemático das atividades.

Na hibridização curricular, a relação entre teoria e prática acontece por meio da interação, tendo com eixo articulador a transgressão. Elege como organização curricular os conhecimentos culturais acumulados pela sociedade em um eterno (in)acabamento, pois o espaço tempo se caracteriza por um processo de reversibilidade e é visto como um cronotrópico que se “caracteriza pela *ligação técnica e abstrata do espaço e do tempo, pela reversibilidade dos momentos da série temporal e pela sua possibilidade de transferência no espaço*” (BAKHTIN, 2014, p.225, grifo do autor).

O elo de cada conhecimento é o encontro de geração em sala de aula. Por se tratar de seres humanos em evolução constante, as turmas devem ter como característica a ambivalência. Deste modo, o professor deve lidar com esta sem a preocupação de homogeneizá-la, visto que é impossível formatar seres humanos que, por si só, são heterogêneos e buscam uma relação de equilíbrio e mediação nessa passagem da vida.



Tanto a articulação como a hibridização curricular possuem seu momento de divergências e convergências. Elas se convergem pelo elemento técnico de suas práticas, já que tanto uma quanto a outra precisam do método científico ou semicientífico. No entanto, divergem no modo de se posicionarem em relação aos signos interiores e exteriores, no sentido de compreender os fenômenos sociais, tendo em vista a ideologia presente na hibridização pelo seu caráter ambivalente de se posicionar perante o mundo, perante as vozes e tons estabelecidos nesta relação. A articulação é totalmente destituída de seu aspecto ideológico e procura conciliar a ambivalência existente nas inter-relações culturais. Quer dizer, não concebe que a relação entre teoria e prática seja ambivalente e vive no mundo de vozes fronteiriças desta relação.

## CONCLUSÕES

Nossa defesa parte do princípio de que a relação entre teoria e prática deve ser vivenciada em sala de aula como um processo ambivalente, como um encontro de gerações que liga o passado e o futuro. A ambivalência faz parte da nossa existência, ela é a dupla face de desejos que se completam, unem-se e não podem ser isolados. É a multiplicidade de significações internas essenciais para o desenvolvimento de possibilidades que se exteriorizam, produzindo a hibridização. Enfatizamos que a articulação do conhecimento enquanto organização que direciona a matriz curricular tem seu espaço dentro do currículo, desde que leve em consideração o encontro entre gerações sem se pautar no modelo sequenciado, formatado, e que subtrai toda a beleza contemplativa que é a relação professor e aluno.

Chegamos à compreensão que só a preocupação em articular os conteúdos, nivelar por idade, ou agrupar as crianças de acordo aos seus ciclos de vida, não corroboram para avançar nas questões que se referem à imagem do conjunto do todo efetivamente vivenciado - à alma, nem no conjunto de todas as significações do sentido - o espírito. O conhecimento, assim, pensado como modelo articulador do processo de ensinar e aprender não interage com a alma e com o espírito.

Desta forma, os resultados indicam que ao obter o conhecimento na formação do PARFOR, as professoras/cursistas reorganizam seus saberes e os estruturam utilizando-se de discursos híbridos, que se completam mutualmente com as diferentes correntes teóricas na prática.



Outro aspecto observado reporta-se à necessidade de dotar a formação de professores sob o pano de fundo de uma compreensão multirreferencial das práticas, já que esta, ao contrário da teoria, é individual e se organiza internamente, pelas quais os sujeitos utilizam os códigos do currículo para exprimir seu pensamento pessoal, ou seja, suas transgressões. Além disso, apontamos que a formação docente é dependente de hibridização de práticas e ações com a linguagem no interior do currículo do curso, e da reflexão das situações de interação verbal com o objeto de ensino na aula. Da mesma forma, indica-se que a dimensão do trabalho docente extrapola os limites disciplinares e os conteúdos específicos do curso.

**Palavras-chave:** Currículo; Hibridização; Articulação; Formação docente.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens.** Petropólis: Vozes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal.** Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013.

\_\_\_\_\_. **Questões de Literatura e estética: a teoria do romance.** Tradução de Aurora Fornoni Bernardini...[et al]. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem.** Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2014.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998/2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.



# XII COLÓQUIO NACIONAL E V COLÓQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO



26 A 29 DE SETEMBRO DE 2017

ISSN: 2175-5493

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido** – notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UESB, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. **Programa de Formação de Professores em Serviço da Educação Básica**, em nível superior. Vitória da Conquista, BA, 2010.